

educação

INSTITUIÇÕES OFERECEM CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO E AJUDAM A COMBATER A CARÊNCIA DE PROFISSIONAIS NO SETOR DE SAÚDE

Mais qualidade para a formação técnica

Fotos: José Antônio Campos/INCA

Simone Maia, coordenadora substituta do curso de Citologia do INCA, em uma das aulas teóricas

○ Brasil corre sério risco de sofrer um apagão de mão de obra. Há falta de profissionais qualificados em todos os níveis de formação, mas a escassez de técnicos é considerada hoje a mais preocupante. Levantamento divulgado pela consultoria PriceWaterhouseCoopers, em dezembro de 2011, revela que 71% das empresas de todos os setores consideram “difícil” ou “muito difícil” preencher seus quadros com profissionais técnicos especializados. E a Saúde não é uma exceção. Ainda são poucas as instituições públicas ou privadas que oferecem cursos como Citopatologia ou Histotecnologia, o que gera significativo déficit de profissionais no mercado. O Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA) faz parte desse pequeno rol, oferecendo desde os anos 1980 cursos técnicos gratuitos para profissionais de saúde.

Atualmente, os cursos do INCA são oferecidos em diversas modalidades. Na área de Educação Técnica Subsequente ao Ensino Médio, é oferecido o curso de Citopatologia. Voltado para técnicos de qualquer área do conhecimento, o curso é ministrado em parceria com a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Já na área de Educação Inicial, há o curso de Qualificação em Histotecnologia, direcionado a técnicos que já atuam na área da Saúde e que têm interesse em trabalhar em laboratórios de anatomia patológica.

O Instituto oferece ainda, na área de Educação Continuada, cursos de especialização e

atualização, como a Especialização em Oncologia, direcionada a técnicos em enfermagem, e em Radioterapia, para técnicos em radiologia. De acordo com Vânia Maria Fernandes Teixeira, supervisora da Área de Ensino Técnico do INCA, a instituição lançará, no segundo semestre, o Curso de Atualização para Técnicos em Mamografia. “Ainda estamos em processo de desenvolvimento, pois esse será nosso primeiro curso técnico a distância. A formação de técnicos em mamografia para o SUS é urgente, pois hoje sobram mamógrafos em todo o país, por falta de profissionais capacitados para operá-los”, afirma.

Maria Cristina Frères de Souza, analista de Ensino da mesma área, ressalta que essas iniciativas são fundamentais também para reciclar o conhecimento dos profissionais que atuam em instituições públicas e privadas com serviços em radioterapia. Há dois anos, o instituto elaborou material didático para atualização de técnicos na área, que é distribuído para todo o país. “Esse é o único curso técnico de atualização em Radioterapia atualmente disponível no Brasil. Produzimos 5 mil exemplares do material, que é enviado para as organizações e usado no treinamento interno. O tutor do curso é o próprio físico responsável da instituição. É uma experiência *exitosa*, e estamos estudando a possibilidade de lançar a cartilha em espanhol para contemplar instituições de toda a América Latina na modalidade de educação a distância”, adianta Cristina.

VAGAS DESCENTRALIZADAS

De acordo com Vânia Teixeira, a proposta do INCA é levar a qualificação técnica a profissionais de todo o país. As vagas, que variam entre cinco e 25, de acordo com o curso, são divididas igualmente entre as cinco regiões do Brasil. “Os processos seletivos para a Área de Ensino Técnico são realizados de maneira diferente dos demais cursos do INCA. Nessa modalidade, os inscritos não precisam vir ao Rio de Janeiro fazer a prova, porque nós organizamos o processo em cada Estado, facilitando o acesso do candidato. Caso contrário, teríamos apenas candidatos do Rio”, acredita. A única exce-



Nas aulas práticas, as alunas aprendem a identificar alterações nas lâminas que serão examinadas

ção, até o momento, é o Curso de Especialização em Enfermagem Oncológica, que será oferecido para as unidades de alta complexidade fluminenses – experiência que deve ser expandida a todo o país.

Além de prova, o processo seletivo conta com a análise de currículo do candidato. Vânia explica que a maioria dos cursos dura um ano, em horário integral. Por isso, nem todas as instituições têm condições de liberar seus funcionários. Foi o que ocorreu com Giuliana Tomaz da Silva. Técnica em Análises Clínicas, ela precisou deixar o emprego para se dedicar exclusivamente ao curso de Citopatologia. “São cursos que exigem muito do aluno, pois há uma intensa carga de provas e aulas práticas, além de outras atividades. Apesar do grande esforço, no final das contas, há um retorno muito grande, não apenas financeiro, mas também de realização e crescimento profissional”, revela Giuliana, formada há quatro anos e que hoje é professora desse mesmo curso.

Segundo Vânia Teixeira, os cursos do INCA são voltados para profissionais que atuam tanto no setor público quanto no privado, mas trabalhar em instituições conveniadas ao SUS é um dos critérios de classificação. O número de inscritos para cada curso varia de 150 a 400 candidatos – mais de 15 vezes o número de vagas. “Os cursos mais concorridos são os de Citopatologia, Especialização em Radioterapia e Enfermagem em Oncologia. Infelizmente, o número de vagas é reduzido por conta da estrutura de estágio disponível no INCA. São cursos eminentemente práticos, muitas vezes com disciplinas em comum, o que impossibilita um grande número de discentes por turma”, esclarece a supervisora. “Em alguns cursos, como Histotecnologia, nós estudamos ampliar o número de vagas, mas em outros, como Radioterapia, não há essa possibilidade. Esse curso exige que o aluno passe por cada um dos aparelhos com um supervisor”, conclui Vânia.

Mas, além da formação técnica, há a preocupação em transmitir aos discentes noções de humanização em saúde. É o que afirma Elizabeth Maria Conceição, coordenadora pedagógica do Centro de Formação de Pessoal para a Saúde de São Paulo (Cefor). Em parceria com a Fundação Oncocentro de São Paulo (Fosp), o Cefor oferece curso técnico em Citopatologia. Além do INCA e do Cefor, apenas as Escolas de Saúde Pública de Pernambuco (Esppe) e do Ceará (ESP-CE) oferecem esse treinamento.

“O profissional citotécnico é essencial para a prestação de serviços de prevenção e detecção do câncer do colo uterino. Por isso, nos preocupamos

em ensinar aos nossos alunos não apenas como manusear instrumentos ou analisar as lâminas, mas também transmitir uma visão consciente do seu trabalho, a noção da importância de lidar com vidas”, explica Elizabeth.

Essa é uma das questões apontadas pelo técnico em radiologia e especialista em radioterapia Naborabner Guimarães Soares, ex-aluno da turma de 2009-2010 do INCA. “Poder colocar em prática os conhecimentos é o grande diferencial do curso. Eu passei a ter mais compreensão não apenas sobre os aparelhos, mas também sobre o tratamento do câncer. Passei a ter mais identificação com meu trabalho e isso para mim é o mais gratificante”, conta.

E não são apenas os técnicos brasileiros que se beneficiam dos cursos do INCA. O instituto participa de convênio firmado entre os ministérios da Saúde brasileiro e moçambicano para a qualificação de profissionais da área de saúde do país africano. “No momento, estamos oferecendo Aperfeiçoamento em Citopatologia, Histologia e Especialização em Radioterapia apenas para o convênio. Recebemos um aluno por vez, de acordo com a indicação do Ministério da Saúde de Moçambique”, conta Cristina Frères. “O curso de aperfeiçoamento é mais rápido, tem duração de três meses. São tão poucos os profissionais de saúde qualificados na região metropolitana de Maputo, capital de Moçambique, que o governo do país não tem condições de enviar mais de um por vez, nem por longos períodos”, justifica Cristina.

MERCADO DE TRABALHO

De acordo com Vânia Teixeira, os cursos do INCA entram em consonância com a política do Ministério da Saúde de aumentar a qualificação dos profissionais de nível médio. Para ela, apesar de mais de 60% da força de trabalho do SUS ser formada por técnicos, a maioria não tem condições de se qualificar após o Ensino Médio. “A formação dos técnicos é considerada hoje uma das prioridades estratégicas do Governo Federal, para garantir a melhoria da qualidade da assistência pública”, esclarece Vânia. “Em 2009, foi lançado um programa para estimular a formação de técnicos nas áreas de interesse do SUS. A princípio, seriam contempladas 11 áreas, mas, no momento, são priorizados os cursos de Vigilância Sanitária, Hemoterapia, Radiologia e Citopatologia”, informa.

“Em alguns cursos, como Histotecnologia, nós estudamos ampliar o número de vagas, mas em outros, como Radioterapia, não há essa possibilidade. Esse curso exige que o aluno passe por cada um dos aparelhos com um supervisor”

VÂNIA MARIA FERNANDES TEIXEIRA, supervisora da Área de Ensino Técnico do INCA

Para Vânia, o setor Saúde enfrenta um forte gargalo por conta do déficit de técnicos no mercado. “Hoje, o grande entrave para o aumento do número de exames citológicos, tanto de mama quanto de colo do útero, duas prioridades nacionais, é a falta de profissionais no setor. Não adianta contratar médicos, construir unidades de tratamento e laboratórios, se não há técnicos para a realização de exames”, enfa-

tiza. Essa realidade se reflete no assédio das instituições de saúde aos alunos formados pelo INCA. Giuliana conta que, no dia da sua formatura, recebeu três propostas de emprego, mas optou por trabalhar no INCA – hoje a técnica é servidora pública do instituto.

Na visão de Vânia, o mercado de trabalho para os profissionais de nível técnico sofre ainda com a falta de planos de carreira e de uniformidade dos cursos de formação. Para mudar esse quadro, desde 2010 o Ministério da Saúde, em parceria com o da Educação, vem definindo as diretrizes e orientação para a formação de cada um desses profissionais. “É necessário estabelecer uma diretriz curricular a ser seguida por todas as escolas. Isso é fundamental para melhor avaliar a qualidade da formação e garantir identidade do perfil profissional. Isso facilita para o gestor público no momento da realização de um concurso”, defende Vânia.

Já para Elizabeth Conceição, a carência de profissionais existe e há espaço para que o mercado ofereça mais oportunidades para os técnicos. “Há procura das instituições de saúde pelos profissionais formados pelo Cefor, mas, se houvesse mais vagas, o interesse pelos cursos seria maior. Para cada turma, o centro oferece 15 vagas e recebemos entre 40 e 50 inscrições. Ainda são poucos os que buscam entrar nessa área por falta de melhores perspectivas no mercado”, opina. ■



O trabalho do citotécnico exige muitas horas de análise no microscópio